

VALE QUANTO PESA (SUBINDO A SETE)

Francisco Rogério Melo

Foi dada a largada. Olhos e corações atentos: é o lance. Logo na saída dou de cara com os loucos e assumidos da Sete: Luana, Maria e os menos famosos. Luana é famoso por suas coreografias no meio do povo. Maria, apesar de desprovida de qualquer encanto sexual, consegue um pai para sua gravidez. Estas personagens diluem-se à loucura comercial da Sete, são os descontos esquizofrênicos dos "normais". Preços, prazos, promoções, pessoas, pechinchas, pedintes, tudo inserido na ilusão de infinitamente ter.

Vou subindo a Sete, sinto fome de espírito, mas corro pro cachorro quente, pro hot dog, pro guaraná em saco plástico e pro caldo de cana contribuir com o bagaço da sujeira ideológica da Sete: orquestra de moscas, balé de mosquitos, coral profano dos compradores do deus amarelo, indiferentes à rica miséria dos meninos de Sete anos cheirando cola, porque não estão na escola, não têm esmola... não têm. Engolindo em seco trajetado minha angústia sem valor pras casas de ouro e seus habitantes gordos e desengonçados, ostentando a síndrome do pavão: cordões, correntes, cáries, mas de ouro.

Homens, mercadorias; Mercadorias, homens, não há ordem de importância. Não importa. Sobre, sub...viver... Importa o peso do bolso. Sem peso e sem bolso: sem valor. De onde estou agora, percebo um sem-valor hospedado na Praça Jonatas Pedrosa deitado sobre um jornal cujo teor fala de devaneios sociais. Estou quase desistindo de continuar o passeio. O inferno da Sete queima a 40°. A loucura chega ao extremo e, sutilmente, incorpora-se nas falas: "tué doido?"

Na passarela da Sete os modelos desfilam resignados, e com uma cara de quem está acostumado a sofrer e estão correndo desesperados atrás de uma moeda para, quando morrerem, atravessar o rio de barcarola. Eu, que não sou trouxa, quero é não

ser enterrado e, antes disso, poder passar na Sete rindo de tu
do sem me prostrar diante de Nossa Senhora Sete de Setembro.